

Menos petróleo e mais álcool

GILBERTO RAMOS*

João Neves da Fontoura foi um grande senador gaúcho na década de 30, ótimo orador. Há alguns anos, a Academia Brasileira de Letras fez uma enquete interna e indicou os cinco maiores oradores deste século. Foram escolhidos, além do notável Pedro Calmon em primeiro lugar, Rui Barbosa, Carlos Lacerda, João Neves e, salvo engano, Otávio Mangabeira. João Neves é autor desta frase de fina fina ironia: "No Brasil existem dois tipos de oradores: uns pedem a palavra para dizer alguma coisa, outros, mais raros, pedem a palavra porque têm alguma coisa a dizer".

Pois um desses deputados do primeiro grupo, pediu a palavra, estufou o peito, empostou a voz e mandou brasa: "Com a transferência da capital para Brasília, é inadmissível que a sede do Proálcool continue no Rio". Os assessores do deputado – certamente muitos – esqueceram-se de avisá-lo de que o Proálcool é apenas um programa e, portanto, como não se trata de mais uma dessas nefastas estatais, não tem sede. O Proálcool é um exitoso programa, brasileiroíssimo, e do qual deveríamos nos orgulhar.

Mas estamos maltratando esse programa que poderia ser a tábua de salvação da nossa balança comercial. Só se lembram dele quando o petróleo e o dólar sobem de preço. O Brasil gasta uma fortuna importando petróleo para transformar nos derivados de que precisamos, uma dependência da qual a Petrobras (com o mesmo), não obstante seu esforço, ainda não nos livrou. Façam comigo esta continha: antes da desvalorização do real – janeiro de 99 –, o preço do barril estava em US\$ 10,00, equivalentes a R\$ 12,00. Com a desvalorização da moeda brasileira, e com o mesmo preço/barril, o custo passou a R\$ 20,00 e, finalmente, com a elevação pela Opep para US\$ 30,00/barril, estamos pagando R\$ 54,00/barril, ou seja, 300% de aumento.

O mais inacreditável é que países que não produzem cana-de-açúcar estão investindo no aumento do consumo substitutivo do álcool carburante. Os Estados Unidos estão misturando, crescentemente, álcool hidratado na gasolina e, pasmem, já existem na Suécia caminhões e ônibus com motores diesel inteiramente movidos a álcool. Inclusive das marcas Volvo e Scania que trafegam por aqui. Pois fiquem sabendo que a tecnologia para uso de álcool em motores de alta potência e baixa rotação já está disponível no ITA (Instituto Tecnológico da Aeronáutica) em São José dos Campos (SP).

Para produzirmos um barril de diesel, precisamos de três barris de petróleo. Os outros dois terços se transformam em óleo combustível, gasolina, querosene, asfalto, óleos lubrificantes e derivados petroquímicos. Portanto, como consequência da obrigatoriedade de usarmos diesel, principalmente na agricultura, que consome 20% do diesel produzido, somos forçados a gastar cada vez mais gasolina, ao invés de álcool. Por conta dessa distorção em nossa matriz energética, o Brasil vai gastar este ano, aproximadamente, US\$ 4 bilhões, isso se o preço se acomodar em patamar de aproximadamente US\$ 25,00/barril. E tomara que árabes e judeus se entendam lá por aquelas bandas orientais.

Além de todas e incontestáveis vantagens econômicas, não podemos esquecer a questão agrária. Se o Brasil quiser enfrentar o êxodo rural, aí está uma ótima alternativa. Com a substituição pelo álcool de apenas a metade do nosso consumo de diesel, poderíamos criar 800 mil empregos no campo. E está mais do que em tempo de abriremos o olho com a possibilidade dos EUA se socorrerem da produção cubana, inclusive financiando o reaparelhamento das usinas e destilarias que foram sucateadas durante a ditadura fidelista. Ou alguém duvida de que americanos e cubanos estão doidos para se abraçarem?

Estou convencido de que esse desprezo pelo Proálcool só pode ser uma patologia, quem sabe uma espécie de masoquismo misturado com insensatez econômica. Ou será que além do serviço da dívida com que financiamos a banca internacional ainda queremos dar uma mãozinha aos negociadores internacionais de petróleo? Confesso que ao invés de gritar ufanisticamente "o petróleo é nosso", eu preferiria dizer "o álcool é nosso".

Neste momento em que a histeria ambiental toma conta das discussões da agenda 21, é bom lembrar que o álcool não polui e se constitui na mais poderosa fonte de energia renovável. Além disso, estou convencido de que essa simpatia que temos pelo petróleo é um pouco cultural, também. Acho que parte do nosso horror à energia atômica é porque ela nos foi anunciada pela bomba de Hiroxima. Fico imaginando se o anúncio da descoberta do petróleo tivesse sido pela bomba de napalm, quem sabe hoje nossos ecologistas não estariam prestigiando mais o Proálcool, tão brasileiro?

*Economista, ex-vice-prefeito do Rio

Documentação

Associação Ambiental

Fonte: JB

Data: 6/3/2001 Pg 9

Class: 40